dominando a paisagem, talvez se pergunte de que modo me tornei dono de semelhante propriedade, uma vez que não sou, como já disse, um homem abastado. A verdade é que comprei a casa por um preço simbólico — uma soma que talvez não chegasse sequer a metade do seu verdadeiro valor de mercado. E isto foi possível graças a uma muito curiosa — alguns diriam disparatada — condição imposta pela família Sugimura durante a venda.

Os factos deram-se há coisa de quinze anos. Na época, a minha situação parecia melhorar de mês para mês, e a certa altura a minha mulher começou a pressionar-me para mudarmos de casa. Com a sua habitual previdência, alertava-me para a importância de termos uma casa à altura da nossa posição — não por vaidade, mas pelo bem das nossas filhas e das suas perspectivas de casamento. Eu compreendia a sensatez destes argumentos, mas visto que Setsuko, a nossa filha mais velha, ainda só tinha uns catorze ou quinze anos, a mudança não me parecia urgente. Ainda assim, durante o ano que se seguiu, sempre que uma casa nova surgia no mercado, não deixava de me informar sobre o preço. Seria um dos meus alunos o primeiro a avisar-me de que a casa de Akira Sugimura, falecido um ano antes, se encontrava à venda. A ideia de que eu pudesse comprar semelhante casa pareceu-me absurda, e atribuí a sugestão ao exagerado respeito que os meus alunos sempre tiveram por mim. No entanto, pedi informações, e a resposta que obtive surpreendeu-me.

Uma tarde recebi a visita de duas senhoras de cabelo grisalho e modos altivos, que se apresentaram como filhas de Akira Sugimura. Quando exprimi surpresa pelo facto de uma família tão distinta me obsequiar com semelhante atenção, a mais velha das duas irmãs retorquiu friamente que não se

tratava de uma mera visita de cortesia. Ao longo dos meses anteriores, tinham recebido muitas propostas de compra relativas à casa do seu falecido pai, mas a família recusara-as, à excepção de quatro. Estes quatro candidatos tinham sido cuidadosamente seleccionados pelos membros da família com base em critérios de carácter e de mérito pessoal.

— É para nós de fundamental importância — prosseguiu a dama — que a casa que o nosso pai construiu passe a ser de alguém que ele próprio teria aprovado e considerado digno de a possuir. Naturalmente, as circunstâncias obrigam-nos a considerar também o aspecto financeiro, mas este é absolutamente secundário. De modo que já determinámos o preço.

Nesse momento, a irmã mais nova, que quase não abrira a boca, entregou-me um envelope, e as duas senhoras fitaram-me gravemente enquanto eu o abria. Lá dentro encontrei uma única folha de papel, apenas com um número elegantemente traçado a pincel de tinta. Estava prestes a exprimir o meu espanto perante um tão reduzido preço, mas compreendi pelas expressões delas que continuar a falar de dinheiro seria considerado de mau gosto. A irmã mais velha limitou-se a acrescentar: — Desencorajamos os candidatos de tentarem cobrir as ofertas uns dos outros. Não aceitaremos mais do que a soma indicada. O que pretendemos fazer, a partir deste momento, é conduzir um leilão de prestígio.

Tinham vindo em pessoa, explicou ela, para me perguntarem formalmente, em nome da família Sugimura, se aceitava submeter-me — juntamente com os outros três candidatos, bem entendido — a uma investigação mais aprofundada dos meus antecedentes e das minhas credenciais. Só assim poderiam escolher o comprador adequado.

O procedimento era incomum, mas, pela minha parte, nada tinha a objectar; bem vistas as coisas, aquilo não era muito diferente de uma negociação de casamento. Na verdade, sentia-me até lisonjeado pelo facto de uma família tão antiga e austera me considerar um candidato meritório. Quando consenti na investigação, e lhes agradei, a irmã mais nova dirigiu-me a palavra pela primeira vez: — O nosso pai era um homem culto, Senhor Ono. Tinha muito respeito pelos artistas. Na verdade, conhecia o seu trabalho.

Nos dias que se seguiram fiz as minhas próprias indagações e compreendi que a irmã mais nova não mentira; Akira Sugimura fora, de facto, um apreciador de arte e financiara pessoalmente numerosas exposições. Inteiraime também de alguns rumores interessantes: uma parte significativa da família Sugimura opunha-se à venda da casa, o que provocara algumas discussões amargas. Por fim, pressões de ordem financeira tornaram a venda inevitável, e os estranhos procedimentos em torno da transacção representavam o compromisso alcançado com aqueles que não desejavam vender a propriedade. Havia uma certa prepotência, é certo, em tudo aquilo, mas, pela minha parte, estava disposto a aceitar as razões de uma família com um passado tão ilustre. No entanto, a perspectiva de uma investigação não agradou à minha mulher.

— Quem é que eles pensam que são? — protestou. — Devíamos afastar-nos e não ter mais contactos com essa gente.

— Mas onde está o problema? — retorqui. — Não temos nada a esconder. É verdade que não sou de uma família rica, mas isso já eles sabem de certeza e ainda assim consideram-nos candidatos dignos. Deixa-os investigar à vontade. Aquilo que descobrirem só pode influir a nosso favor. — E fiz questão de acrescentar: — Seja como for,

não estão a fazer nada que não fizessem se estivéssemos a negociar um casamento com eles. Temos de nos habituar a este tipo de coisas.

Além disso, havia certamente muito a admirar na ideia de um «leilão de prestígio», como lhe chamara a Sugimura mais velha. Pergunto-me até por que razão não se recorre mais vezes a tal critério. De facto, parece-me muito mais honroso um concurso em que a conduta moral e o sucesso profissional do candidato pesem mais do que a sua fortuna. Recordo-me ainda da profunda satisfação que senti ao saber que os Sugimura — após uma investigação minuciosa — me tinham elegido como o candidato mais merecedor da casa que tanto estimavam. E, de resto, a casa valia bem qualquer inconveniente que pudesse causar; apesar do exterior imponente e um tanto austero, os espaços interiores, revestidos de macias madeiras naturais, seleccionadas pela beleza das suas texturas, convidavam à serenidade e à calma, como viemos a descobrir.

No entanto, a altivez dos Sugimura continuou a fazer-se sentir durante todo o processo da transacção; alguns membros da família não faziam o mínimo esforço para disfarçar a funda antipatia que sentiam por nós, e, perante tais agravos, um comprador menos tolerante teria talvez desistido do negócio. Mesmo vários anos depois, se encontrava na rua algum membro da família, em vez dos cumprimentos educados da praxe, tinha de suportar um duro interrogatório sobre o estado da casa ou quaisquer alterações que pudesse ter feito.

Ultimamente é muito raro ouvir falar dos Sugimura. Mas, pouco depois da rendição, recebi uma visita da mais nova das duas irmãs que me tinham abordado na altura da venda. Os anos de guerra tinham-na transformado numa

idosa magra e doente. Ao modo característico da família, não escondeu que a sua preocupação era saber como é que a casa — mais do que os seus ocupantes — tinha suportado as agruras da guerra; limitou-se a uma brevíssima fórmula de condolências quando lhe falei da minha mulher e de Kenji, antes de se lançar numa série de perguntas sobre os danos causados pelos bombardeamentos. Inicialmente, esta atitude melindrou-me; mas então comecei a notar o modo como os olhos dela vagueavam pela sala, o modo como por vezes se detinha abruptamente a meio de uma das suas frases ponderadas e formais, e compreendi que a velha senhora estava profundamente emocionada por se encontrar de novo na casa onde vivera. Depois, ao ocorrer-me que a maioria dos seus parentes já teria entretanto falecido, senti pena dela e propus-lhe uma visita ao resto da casa.

A propriedade tinha sofrido a sua parte de danos de guerra. No seu tempo, Akira Sugimura acrescentara à casa uma ala oriental, composta por três amplos compartimentos ligados ao edifício principal por uma longa galeria que atravessava um dos lados do jardim. Esta galeria era tão extravagante que alguns acreditavam que Sugimura a construía — juntamente com a ala oriental — para uso dos seus pais, os quais preferia manter a uma certa distância. Em todo o caso, a galeria era um dos aspectos mais atraentes da casa; à tardinha, enchia-se a toda a extensão dos jogos de luz e sombra projectados pela folhagem envolvente, e era como se atravessássemos um túnel de verdura. Os danos concentravam-se maioritariamente nesta parte da propriedade e, ao apreciá-los do jardim, pude reparar que a Menina Sugimura estava à beira das lágrimas. Por essa altura, já tinha perdido qualquer sentimento de irritação para com ela, e assegurei-lhe com toda a convicção que

os danos seriam reparados logo que possível e que a casa voltaria a ser tal como o pai dela a construíra.

Na altura em que lhe fiz tal promessa ainda não sabia que os materiais continuariam a escassear por muito tempo. Mesmo vários anos após a rendição, chegávamos a esperar semanas por uma simples peça de madeira ou uma caixa de pregos. Em tais circunstâncias, tínhamos de concentrar as reparações possíveis no edifício principal — que de modo algum escapara ileso aos estragos —, de maneira que as obras na galeria e na ala oriental têm progredido lentamente. Tenho feito os possíveis para impedir o avanço de qualquer deterioração mais grave, mas estamos ainda longe de poder voltar a usar essa parte da casa. Além disso, agora que só aqui vivemos Noriko e eu, não temos necessidade de mais espaço.

Hoje, se o levasse às traseiras da casa e fizesse deslizar o pesado painel para podermos contemplar as ruínas da galeria de Sugimura, o leitor ficaria ainda assim com uma boa impressão do seu encanto de outrora. Mas notaria também, sem dúvida, as teias de aranha e as manchas de bolor das quais não tenho conseguido livrar-me, bem como as grandes fendas do tecto, cobertas apenas por retalhos de oleado. Por vezes, de manhã cedo, abro o painel e vejo a luz do Sol a atravessar a lona em colunas coloridas, desvendando nuvens de poeira que se suspendem no ar, como se o tecto tivesse acabado de ruir nesse momento.

Além da galeria e da ala oriental, os danos mais graves afectaram o alpendre. A minha família, e em particular as minhas duas filhas, sempre gostaram de se sentar aí, a conversar e a contemplar o jardim; e por isso, quando Setsuko — a minha filha casada — nos visitou pela primeira vez após a rendição, não me surpreendeu que os estragos do alpendre

a entristecessem. Por essa altura já tinha conseguido reparar os danos mais graves, mas, numa das extremidades, o soalho ainda estava abaulado e rachado devido ao impacto de uma explosão. O telhado do alpendre também fora afectado, e, nos dias de chuva, tínhamos de alinhar recipientes no soalho para apanhar a água que pingava.

Ao longo deste último ano, porém, as reparações avançaram consideravelmente, e, aquando da segunda visita de Setsuko, no mês passado, o alpendre já estava quase inteiramente restaurado. Noriko tirara uns dias de férias, e assim, com a continuação do bom tempo, as minhas filhas passavam ali uma boa parte do tempo, como dantes. Por vezes juntava-me a elas e era quase como um regresso aos velhos tempos, a esses dias soalheiros em que a família se reunia ali a conversar calmamente de assuntos triviais. Certa ocasião no mês passado — terá sido na primeira manhã após a chegada de Setsuko —, estávamos sentados no alpendre depois do pequeno-almoço, quando Noriko disse:

— É um alívio que tenhas vindo finalmente, Setsuko. Assim podes ser tu a tomar conta do Pai por uns tempos.

— Noriko, francamente... — A irmã mais velha remexeu-se sobre a almofada, pouco à vontade.

— Agora que está reformado, o Pai dá imenso trabalho — continuou Noriko, com um sorriso malicioso. — É preciso mantê-lo ocupado, se não deprime-se.

— Francamente... — Setsuko sorriu, nervosa, e depois, com um suspiro, voltou-se para olhar o jardim. — O ácer parece ter recuperado totalmente. Está com óptimo aspecto.

— A Setsuko não faz a menor ideia de como o Pai é agora. Só se lembra de si dos tempos em que era um tirano e andava por aí a mandar em toda a gente. Agora é muito mais brando, não é verdade?